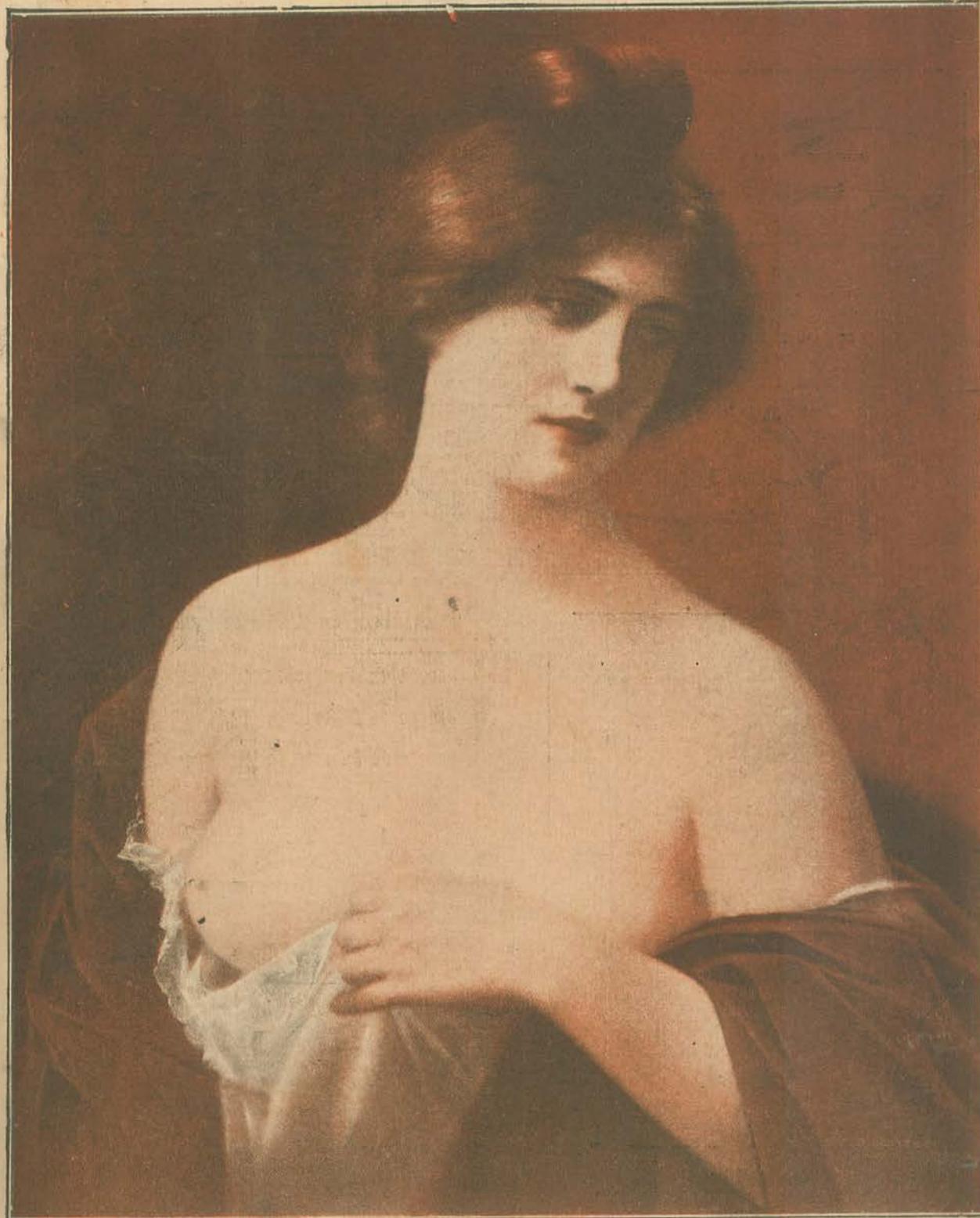


# Ilustração Portuguesa



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.  
 Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ  
 NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
 Trimestre..... 2860 ctv.  
 Semestre..... 5300 "  
 ANO..... 10300 "  
 Redacção, administração e oficinas — Rua do Saco, 43 — LISBOA

## Maquinas e Acessorios

Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**  
 Pedir preços, orçamentos a  
**C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41**

**Moura, Gomes Neto & C.ª Lt.ª**  
**Instalações electricas**  
**MATERIAL para CAMPAINHAS e TELEFONES**  
**AQUECIMENTO CENTRAL E POR SALAMANDRAS**  
**R. Augusta, 184 a 188**  
**TELEFONE 2734-C.**

**Perfumaria Balsemão**  
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



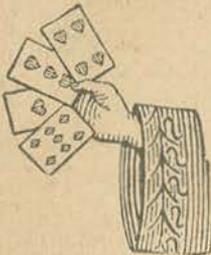
**ANEMIA**  
 DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA  
 Todos os Medicos proclamam que  
 o VINHO de **DESCHIEENS** (PARIS)  
 de Hemoglobina  
**CURAM SEMPRE**



**Coroas**  
 Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na  
**Camelia Branca**  
 L.º D'ABEGARIA, 50  
 (ao Chiado) - Telef 3270

**LINHOS ESTREITOS**  
**PARA LENÇÓIS**  
 Pedir amostras aos firmazens do Rocio  
**ROCIO, 79**  
**J. Matos LISBOA**

**M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE**



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.  
**Garantia a todos os meus clientes:** completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.  
 Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.  
**Calçada do Patriarca, n.º 2.1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, credito esq. n.º 1).**

**NEGOCIOS com a INGLATERRA**

"Casa estabelecida em 1907"

- Secção de Comissões** dedicada á compra e venda de mercadorias e em geral por conta de terceiros.
- Secção de Importação** fazendo uma especialidade nos productos Portuguezes e Brazileiros de toda a especie.
- Secção de Exportação** dá preços cif. qualquer porto sem mais despezas para qualquer artigo de procedencia Britanica.
- Secção de Seguros** Coloca em condições vantajosas eses contra GREVES e TUMULTOS no Lloyd Inglês.

**A. GUERRA & Co.**

38a, King William Street — LONDRES E. C. 4.

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



**M.ª BROUILLARD**

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios, l'euo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 3 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 40 (90-ore-loja — Lisboa, Consultas a 500, 1000 e 1500.

**Consultorio Psico-magnetoterápico**

Tratamento das doencas organicas, nervosas e mentaes pelo **MAGNETISMO FISICO** e pela **PSICOTERAPIA**, auxilados pelos meios fisicos e regimens naturais, com a completa exclusão de medicamentos ou drogas. O que estão pois desenganados, cansados de sofrer e que perderam toda a esperanca de curar-se, lembrem-se que os meus especiais tratamentos Psico-fisico-magneticoe dieteticos os pode salvar e restituir-lhes a saude por mais antigos e graves que sejam os seus padecimentos.

**Dr. Indiveri Colucci**

T. C. JOÃO GONÇALVES, 20, 2.ª, Esq. — esquina A, Almirante Reis (ao Intendente).

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 789

Lisboa, 2 de Abril de 1921

20 Centavos



A Sr.ª Eiba Saravi Fernandez, ilustre dama da primeira sociedade de Buenos Aires.

Capa — Pintura por H. Hondel.

# Cronica da Semana

UMA das cidades do mundo onde os teatros são mais concorridos é indistintamente, Lisboa; o nosso publico enche-os e apaixonase por tudo o que a teatros diga respeito e é assim que discute acaloradamente peças, autores e actores, colocando em segundo plano outros assuntos que mais directamente o deviam interessar.

Agora mesmo são menos discutidas, talvez, a questão economica e a financeira, a propria questão politica, do que o incidente que se levantou a proposito de uma peça franceza traduzida para o teatro Nacional e sobre a qual se pronunciaram com opiniões contrarias o sr. commissario do governo e o Conselho de Arte Dramatica.

Veiu a publico, além da resolução do Conselho, uma carta dos tradutores, nobremente redigida e solicitando indemnisação por perdas e danos, em que se julgam lesados, visto que em volta da peça se tem feito uma atmosfera de desconfiança; supõem os reclamantes que o ter ela sido taxada de imoral pelo sr. commissario do governo pode afastar-lhe espectadores...

Acha-se a questão n'este pé e parece que a referida reclamação não terá seguimento, por falta de base. Efectivamente, só por inexperiencia, difficil de justificar, os homens de teatro podem attribuir o fracasso d'uma peça á sua pretendida immoralidade; e, por outro lado, sem que ousemos supôr que todo este alarme foi um habil estratagem de empresario e mais interessados, o que se escreveu e disse ácerca da «E'cole de cocotes» constituiu um reclamo formidavel, mais do que sufficiente para contrapôr á suposta relutancia da parte minima do publico que sancionasse praticamente a decisão do sr. commissario, não indo ao teatro, reclamo para o qual estas linhas tambem contribuem, com muito aprazimento de quem as escreve...

OUTRO assunto teatral que muito se tem debatido nos ultimos dias, é o que consta de uma circular enviada ás emprezas, criticos, imprensa e tradutores incompetentes, pelo nucleo de autores dramaticos da A. C. T. T. Essa circular condena, em termos levantados, as más traduções e tenta acabar com elas, por meios que vão desde a mansidão á violencia, apresentando como primeira tentativa o alvi-

tre de serem submetidas ao exame de uma comissão tecnica, sem cuja aprovação elas não se poderão representar. Quanto ás medidas radicais consistem em serem informados os autores estrangeiros, dos titulos e qualidades dos «assassinos das suas peças», se elles aleivosamente reincidirem nos atentados.»

Esperemos as consequencias da circular, que não podem tardar e que é possivel que sejam muito diversas das que o nucleo dos autores dramaticos da A. C. T. T. anteviram; não nos admiraria se lhes respondessem confiando-se as traduções ao primeiro moço de esquina que se quizesse encarregar do frete, porque um dos maiores prazeres de todo o bom português é fazer o contrario do que lealmente lhe aconselham.

O sr. commissario dos abastecimentos acaba de fazer baixar o preço da batata no mercado, por um meio extremamente simples que não tinha ocorrido aos seus antecessores: mandou vender pelas ruas, em «camions», batatas por conta do commissariado, a 30 centavos o qui'o, de onde o baraeamento immediato nas mercearias. O engenho da operação consiste, não na intervenção do Estado, já por outras vezes determinada, mas no modo como se exerceu, pela venda ambulante, acabando pois com as «bichas», de nefanda e repelente memoria.

Se a memoria não nos atraiçoa, ha no repertorio teatral do nosso saudoso Gervasio Lobato um episodio que, sem desprimôr para ninguem, tem uma tal ou qual analogia com o presente e pode muito bem tê-lo inspirado: é aquele mirifico projecto apresentado por uma personagem da comedia «Sua excelencia», quando propõe, em conselho de ministros, que se distribuam aos domicilios bifes com batatas, canalizados como a agua e como o gaz, com os respectivos contadores para medir as doses.

Repetimos que com a alusão de modo algum pretendemos amesquinhar o rasgo da referida autoridade; no emtanto, seja-nos licito manifestar a esperanza de que este seja o primeiro passo para a distribuição domiciliar e para se entregar a solução do problema nacional aos humoristas, os quais, parecendo que não, costumam ser pessas de muito bom senso.



Acacio de Paiva





**Q**UE espirito de mulher educada no sentimento da Arte, estilizada na compreensão do belo, pode eximir-se á poderosa sedução das flores e das joias, os preciosos factores de embelezamento de que a «coqueterie» feminina não prescinde e que a Natureza, a artista sublime, e o engenho humano, seu mesquinho competidor, crearam para lhe ofertar?...

Como ela, n'um requinte de graça de que possui o segredo, sabe tirar partido das flores e das joias, quando a anima o intento de enfeitiçar! Como

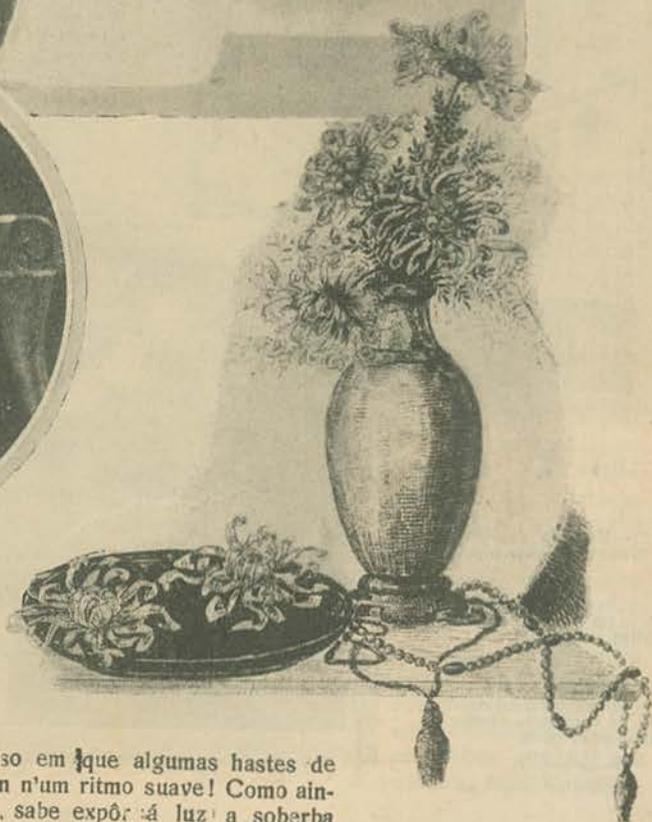
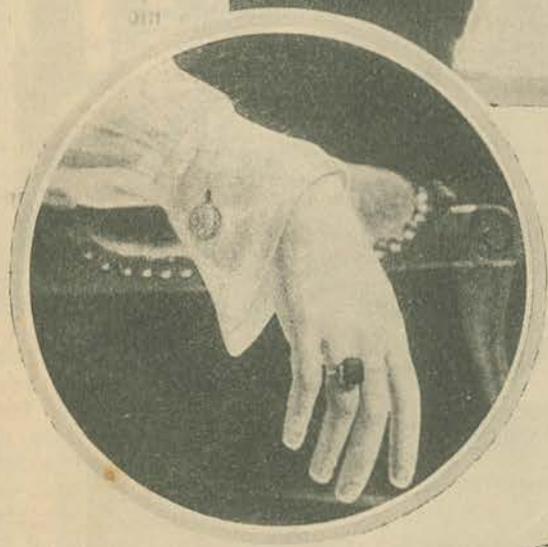


pedra azul de um anel, que resalta fulgida na alvura mate dos dedos fuselados!...

As flores... as joias... Como são lindas n'umas lindas mãos de mulher!...

Março-1921

Helena de Aragão



n'um gesto elegante, mavioso, aparentemente involuntario, sabe erguer entre duas mãos delicadas, arqueando graciosamente os pulsos d'onde as perolas se escapam em fios, enleando-se nos braços alabastrinos, a linda floreira de cristal lu ninoso em que algumas hastes de lilaz, irrequietas viçosas, louças, se balouçam n'um ritmo suave! Como ainda, no abandono descuidado d'uma fina mão, sabe expôr á luz a soberba

## Viajantes ilustres

O cirurgião inglês dr. O. T. Dinnick visita os hospitais portugueses.

Uma opinião a seguir

Sabendo que de passagem se encontrava entre nós o abalizado cirurgião inglês Oswald Tilson Dinnick, uma sumidade da medicina inglesa, membro do Real Colegio de Cirurgiões e das Academias de Medicina de Londres e Toronto, procuramo-lo para saber qual a opinião que formava dos hospitais portugueses e dos nossos cirurgiões. O Dr. Dinnick era bastante autoridade na materia, pois conhecia e fôra cirurgião ou interno de quasi todos os grandes hospitais de Londres e de Toronto. A sua visita ao Hospital Escolar deixou-lhe as melhores impressões e das conversas que teve com os nossos médicos os tambem as melhores impressões lhe ficaram. Viu operar os nossos Francisco e José Gentil e considera-os verdadeiros mestres na sua arte. Conversou com Belo Moraes na sua enfermaria, admirando o que é um dos nossos maiores professores.

E conversando connosco, após a sua visita, o eminente homem de sciencia

estranhou a ausencia de espirito filantropico entre nós. Os hospitais não são ajudados pelos ricos?

Por particulares? Por senhoras? Por festas? Pois em Londres são: Cá dá-lhe a impressão de que se os nossos médicos tivessem o estimulo dos seus colegas estrangeiros faziam verdadeiras maravilhas. Concorramos. E não valeria a pena lançar a ideia entre a Sociedade de ajudar os hospitais? Acreditamos que sim e algo vamos fazer para que ela se efective.

Podia fazer-se entre nós uma Liga de Amigos dos Hospitais. Podiamos dulcificar um pouco as amarguras do proximo. Pois se ha os amigos dos Museus porque não haverá os amigos da Miséria e Dôr no sentido de atenuar, de lhe roubar aos tentaculos a sua presa?

1.—O Dr. O. T. Dinnick



2.—Entrada do Hospital Escolar (Santa Marta)

3.—Os claustros do Hospital.



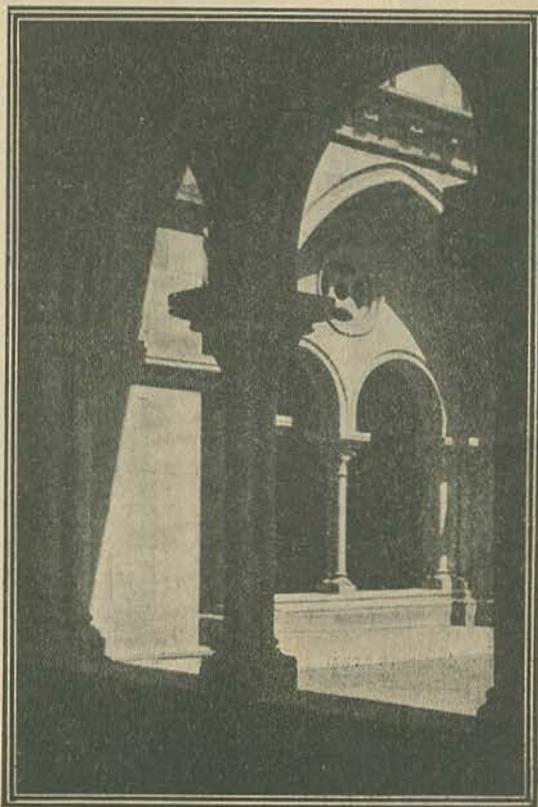
4.—Hospital Escolar—Visita de conjunto tirada da tase posterior.



Belem. — Claustro e jardim.

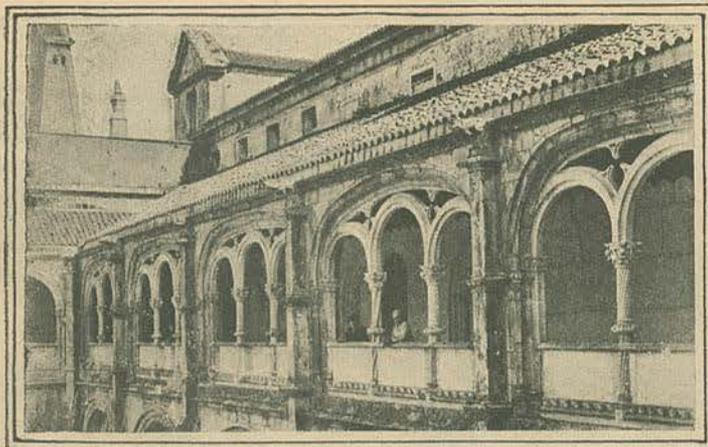
**C**laustros! A poesia dos claustros! Quem ha que não a tenha sentido? Que de sonhos, de invocações, de poesia! E é por isso, por esse bocado de convento aberto ao sol, que muita gente ainda hoje tem saudades dos conventos e das ordens religiosas. Em boa razão ha tambem quem a tenha, mas pela cosinha. Diz-se que nos conventos se comia bem e por isso não ha gargantão e viandeiro que não tenha por ideal comer... como um abade. E não conhecem talvez a cosinha do mosteiro de Alcobaca... Para esses até o claustro serviria de auxiliar de boas digestões.

O claustro é o ideal e tanto assim que os nossos amigos hespanhoes, mais praticos do que nós, o teem nos seus pátios interiores.



Colmbra. — Sé Velha. Um portico do claustro.  
(«Cliché» do dr. Cesar Junior).

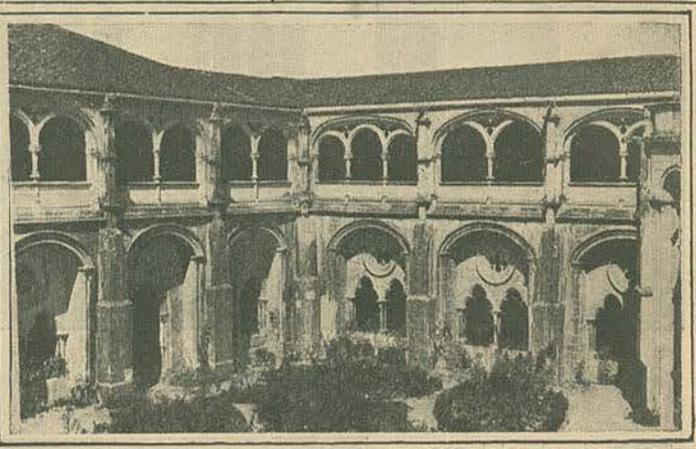
Ali, como nos claustros conventuais, crescem cravo e rosas e ali gorgoleja tranquila e dormente como uma clepsidra a bica da fonte. Uma ou outra avesita vem nos beirais fazer seu ninho e digam-nos se com estes requisitos a felicidade não entra e se demora. A felicidade gosta de ser bem tratada, gosta das suas comodidades. E' por isso que ela raras vezes entra em casa de pobre. Fomes, febres, privação: é o que ela teria lá. Pois a felicidade morava em casa dos frades e até se costuma dizer popularmente: «Deus seja nesta casa e o diabo em casa dos frades». O diabo, que é o perturbador, chegado á cosinha tomaria uma indigestão. Sentado no claustro, deixar-se-la invadir por aquela doce tristeza contemplativa que dá nas almas ás horas do poente



Convento de Alcobaca.—Um trecho do claustro. («Cliché» do dr. Cesar Junior).

e, certamente, rezezo dos seus peccados, far-se-ia ermitão.

Que doces evocações não encerram essas arcadas e essas lajes! Que murmuro desfiar de intriga monástica, que desabafos sentimentais, que dolças comovidas e asceticas não conhecem! Frades e frei-



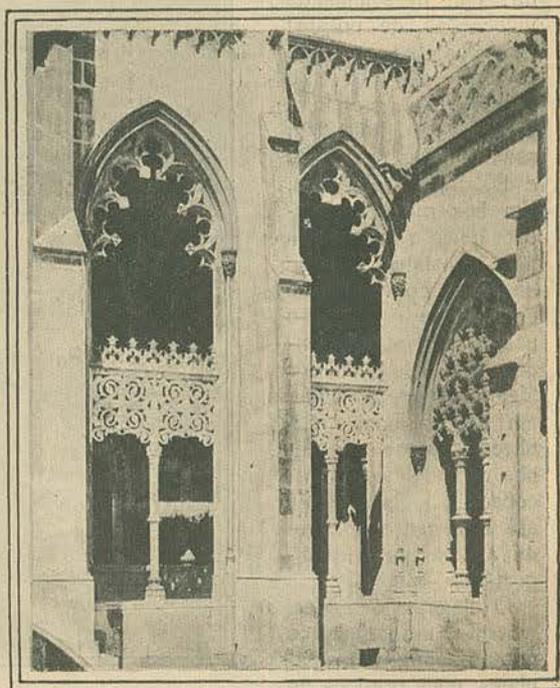
Alcobaca.—Outro aspecto do claustro. («Cliché» do dr. Cesar Junior).



Coimbra.—Claustro do Convento de Santa Cruz.

ras, magnates e personagens do generalato da igreja e das letras todos teem a doce confidencia, de todos conservam a terna evcação.

Vivia-se bem nos conventos, viv'a se e muito. Lisboa era a cidade religiosa por excelencia, mas em todo o país os conventos abundavam. Em 1828 havia só de religiosos 130! Agora imagine-se a



Baialla.—Claustro real, frente e corcheu d. lado sul.



**A** escolha d'uma «toilette» de baile é sempre motivo de demorada preocupação, de intermináveis projectos e combinações, que a indecisão combate e anula a miudo. Um modelo não satisfaz porque não é propício ao realce do tipo de formosura a que é destinado, outro porque é banal, outro porque desnuda com excessiva ousadia, outro ainda porque não tem «chic»... e o embaraço, agravado com a impaciencia, ameaça não admitir solução...

Não sucederá porém assim, quando se nos deparem modelos como os que publicamos e que reúnem todas as condições de elegancia, distincão e gosto artistico. Esta encantadora «toilette» é con-

feccionada em setim côr d'ouro, sendo o «fourreau» estreito; sobre a saia, cae, partindo da cintura, uma túnica de tule de seda côr d'ouro bordada a prata, que dois arames colocados um pouco abaixo das ancas afastam do «fourreau». Da parte inferior do corpo, em setim e tule, parte uma grinalda de rosas chá em dois tons e respectiva folhagem, que dando a volta em torno do quadril vai descaír um pouco atraz, do lado d'frente,

A segunda «toilette», menos sumptuosa, mas não menos elegante, é um «tailleur» capa em «Rasha Narron» ornamentado com um colete em setim côr de rosa coral.

# ARTE, BELESA E GRAÇA

Uma bailarina russa de grandes olhos esfingicos, uma estrela portuguesa de uma linda voz, e a beleza hieratica de uma atriz da Grã-Bretanha.



*Aldina de Sousa, a atriz portuguesa que no teatro de S. Luis tem interpretado operetas com unanimes aplausos.*

(Foto-Brasil)



*Dolores, a beleza arquitetural hieratica, soberana como um idolo oriental.*

*Vera Fokina,*

*bailarina russa de universal renome.*

## Figuras e Factos



O sr. ministro do commercio, quando visitou as obras da Exploração do Porto d' Lisboa, e o engenheiro director da mesma Exploração, sr. Ramos Coelho.



O juiz sr. Ferreira de Sousa, que ha pouco foi alvo de um atentado de que felizmente saiu apenas ligeiramente ferido.



O actor Carlos Leal, autor do curioso livro «No palco e na rua», que vem de sair a lume, e que é um interessante livro de memorias de coisas e casos do seu tempo.



D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.



## OS QUE MORREM

### D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Ha muito que a illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho se encontrava bastante achacada tendo os medicos previsto o seu deseniace fatal. Não erar m o seu diagnostico, pois a illustre escriptora faleceu na sua casa de Santa Cotarina, por onde passaram os vultos mais eminentes das nossas letras. Deixo uma obra impercivel e saudades que só a Morte, a arrolador, de todas as saudades, levará.



O cortejo funebre entrando no cemiterio. — A' beira do tumulo, O sr. dr. Augusto de Castro tendo o seu discurso.

# femininas SACOS e CARTEIRAS MODERNAS

A moda apresenta-nos ultimamente modelos de sacos e de carteiras para senhora, que são verdadeiras surpresas de confecção, em que o gosto disputa a primazia á originalidade. Os fechos dos sacos modernos, em «écaille», celuloide, imitação de tartaruga, madeira artisticamente trabalhada, ou qualquer metal, mais ou menos precioso, segundo o grau de sumptuosidade do saco, apresentam a maior fantasia. D'esses fechos, na verdade lindos, que nem de longe lembram os antigos fe-

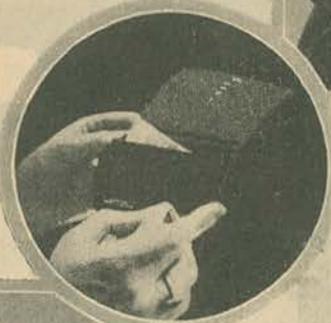


cores, em missanga, reproduzindo inspirações orientais, ou com plumas d'avestruz, levemente frisadas, na côr da «toilette», ou, o que é ainda mais chic, condizendo com a guarnição do chapéu.

A moda manda que, para que o conjunto d'uma «toilette» resulte irrepreensivelmente elegante, se combine o chapéu, o saco de mão

e a sombrinha no genero das guarnições e ainda o forro do «manteau» ou da jaqueta «tailleur», na côr.

Que as elegantes, ciosas do seu prestigio, não releguem esta indicação para plano secundario....

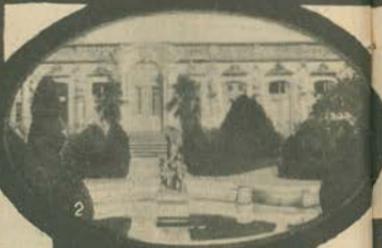


chos das malas e sacos de passadas elegancias, pendem receptaculos armados em sedas tecidas d'ouro, veludos «drapés» a capricho, quando não são formados completamente por uma tela recoberta de bordados multi-



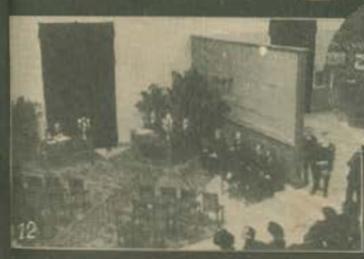
## Vida artística

CONSTANTINO FERNANDES — AS NOVAS  
AQUIZIÇÕES DO MUSEU DE ARTE CON-  
TEMPORÂNEA — AS EXPOSIÇÕES DE PI-  
CTURA.



**L**EVANTOU-se finalmente a cabe-  
se bem que a muitos não  
peza-se, a glorificação ao gran-  
de artista Constantino Fer-  
nandes, realizando-se a sua ex-  
posição e uma sessão de ho-  
menagens à sua memória, em  
que falou o sr. dr. Manoel de  
Souza Pinto, Columbino enco-  
luiu para o Museu nove qua-  
dros que publicamos hoje e as-  
sim talo concorre para que o  
seu nome viva eternamente, co-  
mo merece.

Também se realizaram as ex-  
posições de José Leite, no sa-



Isa Bichon, com plena adesão as de  
St. Mezar-Lallo no Nacional, com  
instante caridade pelo seu carioso  
processo da pintura.

1. Estudo para a decoração do teto do palácio de sr. Manoel de Vafior.  
2. Palácio de Quilom. (Foto). — 3. Estudo para o quadro "Abandonado".  
4. Estudo para o quadro "Abandonado". — 5 e 6. Estudo para o triptico  
"A vida de" Maribôro, existente no Museu de Arte contemporânea.

7. (Carvão). Estudo para o quadro "Cristão  
trocando as vestes, existente no Academy of  
Fine Arts, em Londres, na Sociedade Nacional de Belas Artes,  
O. — 8. A exposição de arte de Sr. Manoel de Vafior.  
9 e 10. — Estuda para o teto do salão de baile do palácio de sr. Manoel de Vafior.  
11. A exposição das Letas no salão Bichon, O  
de honrarias a Constantino Fernandes. — 12. A exposição St. Mezar-Lallo no salão do Teatro Nacional.

7. (Carvão). Estudo para o quadro "Cristão  
trocando as vestes, existente no Academy of  
Fine Arts, em Londres, na Sociedade Nacional de Belas Artes,  
O. — 8. A exposição de arte de Sr. Manoel de Vafior.  
9 e 10. — Estuda para o teto do salão de baile do palácio de sr. Manoel de Vafior.  
11. A exposição das Letas no salão Bichon, O  
de honrarias a Constantino Fernandes. — 12. A exposição St. Mezar-Lallo no salão do Teatro Nacional.

# "O Raid" Lisboa-Madeira ao Funchal em 7 horas



Gago Coutinho.

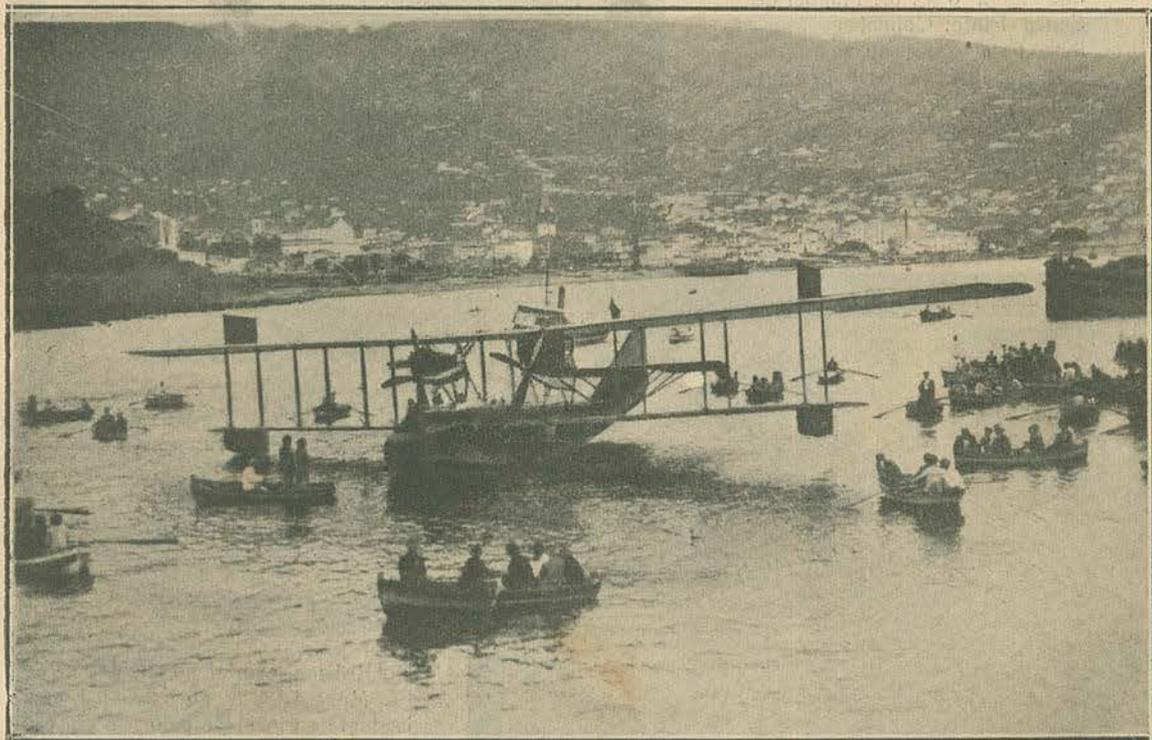
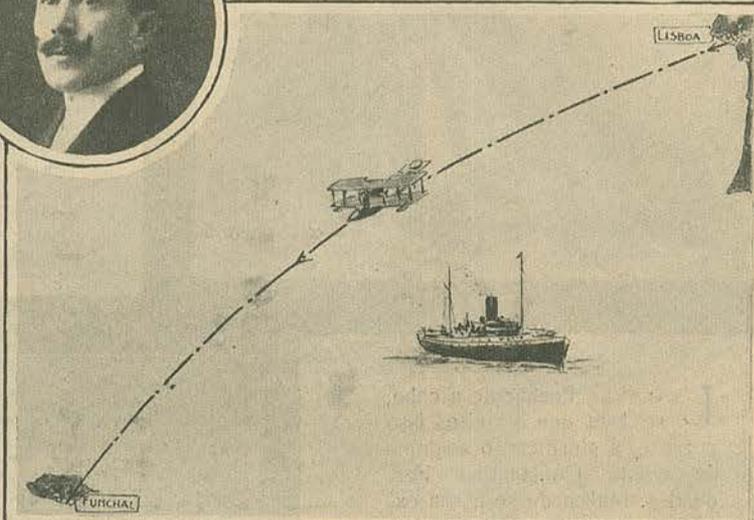
\* Cabral Sacadura.



gou ao Funchal minutos depois das 16, levando na travessia pouco mais de 7 horas. No Funchal, foram os aviadores alvo de grandes manifestações de apreço pelo audacioso «raid».

SEM reclamos e quasi confidencialmente largado da Aviação Marítima, com destino á Madeira, um hidro-avião pilotado pelo capitão de mar e guerra sr. Gago Coutinho, capitão tenente sr. Cabral Saccadura, tenente sr. Betencourt e mecânico Roger Suberand.

Saído de Lisboa ás 9 horas che-



Chegada do hidro-avião á Madeira. Fotografia tirada no momento da «amerrissage». («Cliché» do sr. Tiago Matias d'Aguiar).

# OS QUE CHEGAM E OS QUE PARTEM

## A DIPLOMACIA E A ARTE

1. Chegada a Lisboa do sr. r. da Holanda.

2. Um abraço diplomático.

3. O sr. ministro da America e sua esposa.

4. A companhia Aura-Adelina Alranches a bordo do «Araguaya» da R. M. S., em que

A diplomacia e a arte. Um diplomata brasileiro que chega da sua licença, o sr. ministro da America que, com sua esposa, volta e a quem a objectiva do nosso fotografo surpreende cordealmente a abraçar o sr. ministro da Hespanha n'um abraço afetuoso e diplomatico e a companhia Aura Abranches, que vai ao Brasil na sua «tournee» costumada. Uns que chegam, outros que vão. E' a vida que passa, a vida que o tempo

leva e que só deixa saudades. A companhia Abranches não temeu o Brasil, mesmo n'estes tempos em que contra nós tudo se conspira. Que ela colha o fruto do seu esforço, lhe desejamos sinceramente.



embarcou para o Brasil, onde vai na sua costumada «tournee» artistica.





# A semana santa A Fé Religiosa de Lisboa

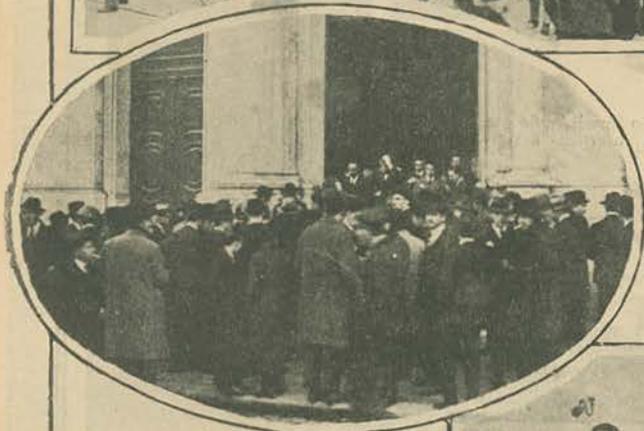
**E'** uma tradição que resiste a todos os embates... Quem imaginou que as leis da Separação e outras igualmente radicais abalariam a fé e os costumes religiosos decerto está a esta hora desiludido. As solenidades comemorativas da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo celebram-se em Lisboa e em innumeras terras do paiz, senão com aquela pompa dos bons tempos em que irmandades e confrarias dispunham de largos recursos, pelo menos com a mesma afluencia de fieis e de basbaques



aos templos, se acaso ela não é hoje ainda maior...

Esta ultima semana santa, coincidindo com a chegada oficial da Primavera, teve a favorecel-a dias magnificos de sol. As ruas encheram-se de uma rumorosa e compacta multidão, em que se confundia a gente piedosa com a gente curiosa, uma e outra trajando de negro. Lindas raparigas e velhinhas encantadoras arrastavam

A multidão entrando na igreja da Encarnação.



com os apertões ás portas das egrejas e, principalmente nas da Baixa e nas do Chiado, durante o dia de Quinta feira de Endoenças viram-se ajoelhar perante os imponentes troncos iluminados e floridos milhares de pessoas...

A' porta da igreja dos Martires.



# O Seculo Comico

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

## O futuro das colonias



Cantado:

O' preto, ó preto  
 Lá do sertão  
 Com a familia  
 No meio do chão...



## PALESTRA AMENA

## Negocios são negocios

Este ditado, ou como se lhe chame, «Negocios são negocios», é d'uma oportunidade flagrante—e a empreza do teatro do Ginasio, pondo em scena n'esta occasião uma peça com este titulo, procede com um tacto e uma finura para os quaes são poucos todos os elos gios.

Ora vejamos. Aos jornais foi distribuída numa noticiasilha dizendo, mais palavra menos palavra, que não se assustasse ninguem com a questão cambial, com o escudo a menos de 4 dinh'iros, porque o facto não tinha importancia nenhuma e só poderia impressionar os timoratos. Assim nos chamou timoratos o autor da dita noticiasilha, porque confessamos que todas as vezes que consultavamos as cotações da bolsa, sentiamos na espinha dorsal o calafrio precursor das grandes catastrophes.

A recomendação, porém, fez-nos mudar inteiramente o animo, e passámos n'um instante do medo á coragem, da duvida á confiança. E raciocinamos:—Que diabo nos importa que a libra esteja a 57 escudos, ou coisa assim?

Nada, evidentemente, desde que quem sabe da poda—e está-se a ver que a informação deve ter sido dada ao governo por quem da poda sabe muito bem—assegura que a questão não tem a minima importancia! E raciocinamos mais:

—O algodão lá fóra está a baratear, o ferro idem, o cabedal idem, e não o podendo nós passar senão em ouro, tanto faz que essas coisas estejam baratas como caras. Não temos nada com isso. Mas como isto de raciocínios são como as cerejas, veem umas atraz das outras, por mais que não se queira, surgiu-nos então a ideia de que, não podendo vir nada d'isso de fóra, não teríamos remédio senão gastar o que ha cá em casa armazenado e pelo preço que os srs. armazenadores muito bem quiserem. E logo, outra ideia:—Ficando cá o carvão a peso de ouro, apesar de lá fóra estar também baratíssimo, as nossas industrias fabris não podem produzir barato. E querem ver que lhes convem produzir caro?

E a seguir, outro raio d'outro raciocínio. «A tal informação é muito capaz de ser uma cantiga para adormecer crianças e para o governo não providenciar a respeito de cambios. Querem ver que os que antificiosamente fazem subir a libra estão de acordo com os industriosos, os commerciosos e outros individuos com denominação terminada em «osos», os quaes não devem confundir-se com commerciantes e industriaes?

Não diremos que o desatino nos invadira de novo, depois d'esta cadeia de loubrações, mas a duvida assaltou-nos, confessamos—e por isso dissemos acima que a companhia do teatro do Ginasio merece louvores por ter em ensaios e representar por estes dias os «Negocios são negocios», a afamada peça de Octa-

vio Mirbeau, tanto mais que no papel criado por Férandy vamos ver Alves da Cunha, o mais arrojado e talentoso dos actores novos, que a peça vai em festa de Araujo Pereira, um dos nossos ensaiadores de mais competencia e que a traducção é d'um escritor que nos pede para lhe não declararmos o nome e a quem dedicamos particularissima amizade.

J. Neutral.

## Pacifista

A Inglaterra, os Estados Unidos, o Japão e outras nações da nossa simpatia estão cada vez mais resolvidas a manter-se desarmadas e pacificas, para o que todos os dias aumentam as suas esquadras e os seus armamentos de terra. Parece isto um grande disparate e só-lo-ia, decerto, se qualquer de nós o praticasse, mas, como o praticam entidades magnas, deve ser, pelo contrario, coisa muito ajuizada.

As potencias que não se tem armado é que, muito provavelmente serão tidas por belicas—e entre essas figura Portugal. Se, como parece, a furia guerreira está na razão inversa da força



das armas, podemos estar seguros de que ninguem se meterá connosco, por medo. E' verdade que já se diz por aí que vamos ter marechais, mas tal providencia de modo nenhum deve significar desejo de aumentar o exercito; na nossa opinião representa apenas a necessidade de equilibrar o orçamento, empregando algum do dinheiro superfluo que já não temos onde arrecadar—e na lá mais.

## Os Silvas

Talvez os senhores ainda não tenham reparado que os Silvas, como os Santos, como os Costas, são numerosissimos entre nós. Pois são: e para o provar um ratão de bom gosto, que Lisboa em peso conhece, fez uma noite d'estas uma experiencia que já ha tempos fóra tentada com exito em Berlim, a respeito d'um apelido alemão muito frequente.

Foi no teatro de S. Luis, na occasião d'uma enchente—não dizemos de que peça, para não nos julgarem pagos pelo Galhardo. Estava o primeiro acto em meio, quando o tal ratão berron, ao fundo da platêa:

—O' sr. Silva! Ha fogo em sua casa! Levantaram-se uns duzentos Silvas e o espectáculo esteve interrompido meia hora!

## Moral ou não?

O nosso querido collaborador «Jerolmo» não foi consultado sobre o ultimo conflito levantado no teatro Nacional, com respeito á «E'cole de cocotes», que o sr. commissario do governo achou impropria de se exhibir perante pessoas sérias e o Conselho de Arte Dramatica achou moralisadora.

Digamos desde já que o «Jerolmo» é da opinião do dito Conselho, não tendo duvida em afirmar, «à priori», que tres pessoas que se presam, como são



Ernesto Rodrigues João Bastos e Felix Bermudes, não são capazes d'uma indecencia, e a prova é que começaram por dar novo titulo á peça, chamando-lhe «O pescador de perolas», isto é, começaram por dar um grandissimo quinar ao autor francês e na propria França, que não se peja de consentir cartazes de teatro com aquella pouca vergonha de titulo.

Depois, outra razão, e essa conclusiva, levaria o «Jerolmo» a jurar que a peça é d'uma innocencia paradisiaca, e essa consiste em que o papel principal foi distribuído e aceite pela illustre actriz Amelia Rei Colaço Monteiro, que em tempos, no teatro do Ginasio, se não estamos em erro, não quiz fazer o «Divorcio-nos», por lhe cheirar um nadinha a fresco.

Ora como a sobredita artista lá por ter casado não passou a ter a moral em menos conta do que a tinha quando solteira, segue-se que nada encontrou na «E'cole de cocotes» que a melindrasse.

No «Divorcio-nos», o seu papel seria o d'uma senhora casada á face da igreja, que pretendia divorciar-se, mas que não chegava a descarriar e volta para o lar; agora o seu papel será o d'uma «cocote», mas e tá-se a ver, visto que de bom grado aceitou este papel, que se trata d'uma «cocote» mais digna do que a tal divorciada.

Nada: o «Jerolmo» está escamadis-simo com o Santos Tavares.

## Correspondencia

TRADUÇÕES — Até agora só recebemos duas traducções da poesia franceza que ha pouco publicamos.

Então onde diabo pára o engenho nacional?



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Cri-la Zeza da mē curasão:

Iscrevotte munto á preça qô duas regras purque tanho de ir pró ginaso ver u insaio dus «Nigosios san nigiosios» purque me podiram pra lá ir ver ça quillo curria bem i intão nan me póço demurar mémo nada i qô te quero dezer duas palabras da «Morgadilha dus canaviais» das canas quem te mandou aqui vir, cumo ce diz n'uma cantiga que in tempos oiwi in Cuimbra, cuja «Morgadilha» é a morgadona da D. Maria Matos i nu resto nan fallo purque já te dice que iston cum munta preça i nan oiwi cenão um menólugo du pruméro ato du Joaquim Costa a ispelicar prá pelateia ca molher é munto biata i que nan le fás a cumida a tempo i a oras i val ós pois istá nisto um rór de tempo inté que eu pedi lisensa ós ispétadores que istavam ao mé lado i fuim mimbora i axo cu Joaquim Costa aindas a esta ora lá istá cu ditto menólugo i quem u quixer aturar cu ature nanja eu que tanho mais que fazer i intão inté á semana ce deus quixer i ce oiwi dezer cu Julio Danis raçussitou i agarrou num maramelleiro i ce prantou á pancada ós omes que tiram pessas dus rumansas dele nan ta dmiros purque á coisas que inté fazem alevantar us mortos i arrusebu e çodos a brasso du questume i as arrecumendações tambem du questume prá noça familia prá ubrigação i prós bacros deste ca vida te deseija inté ó dia de juizo á mem jasus maria isé té marido munto ubrigado

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Per. s Rutvas.

Coisas espirituais

Um dia d'estes realison-se n'um dos nossos teatros um concerto que nos cartazes foi anunciado como «espiritual» e confessamos que não percebemos lá muito bem o que os homens quizeram dizer com isso. Parece que a musica, mo lernamente, se divide em



espiritual e material, mas vamo-nos ver todos a perros para distinguir as duas especies: o «Pírolito» será material ou espiritual? E a «Rosa enxota» o pinto?

EM FOCO

JULIO DINIZ

O finado escritor Julio Diniz, Que sob a terra ha muitos anos jaz, Autor d'algumas obras menos más, Romances, sobretudo, ao que se diz;

Visto que a morte inexoravel quiz Leva-lo em verdes anos, em rapas, Pede que o deixem, por favor, em paz, Que o deixem, finalmente ser feliz.

E sabendo, outrosim, pelos jornais, Que alguem lhe transformou n'um entre-mezes

Ou comedia, um dos seus originais,

Protesta contra a dita insensatez, Porque, além de motivos teatraes, Quando escreveu foi sempre em portuguez.

BELMIRO



Pedimos aos «maestros» a fineza de nos explicarem o caso para nosso governo: ao Calderon de los Discos, por exemplo, que é o mais espirital de todos os «maestros».

A conto de reis !

Muita gente se admirou de se venderem uma noite d'estas no Porto, para se assistir ao «Barbeiro de Sevilha», camarotes a um conto de reis



cada um—deduzindo, visto que houve quem os comprasse por tal preço, que anda pelas ruas muita gente que devia estar encerrada em manicomios.

O' senhores! Mas então que diabo vem a ser, d'aqui a pouco tempo, um conto d' reis ? ! Pois não reparam que, e agora mesmo, não é mais de 17 libras?

Ora agora façam favor de fazer a divisão, tomando para dividendo o tal conto e para divisor o numero de notas musicais que a opera contém—ou, para mais exactidão, visto que n'um camarote se acomodam, em media, 5 pessoas—dividam o custo por 5 e depois dividam o resultado pelo tal numero de notas; que lhes dá? Em moeda antiga cada nota fica a menos de real—e cremos que não ha ninguem que não desse pelo menos um centavo para ouvir uma

nota bem garganteada. Uma nota qualquer, entende-se, d'essas de pouca importancia, porque um «dó» de peito, por exemplo, não é coisa para menos de um pataco. Não lhes parece?

Contrastes

Ao telefone, no sertão.

- Está lá?
- Eston. De onde fô?
- De Moçambique. E lá?
- D'Angola.
- Ah! E' o Norton?
- Sou. E você é o Camacho?
- Sou. Como vai a sua colonia, ó Norton?
- De vento em pápa. Já abriu a Opera que eu mandei edificar. E aí, a respeito de teatros?
- Mandei edificar uma barraca de fintochea, para entreter a pretalhada.
- Os meus pretos adaptaram-se perfeitamente aos habitos europeus. As pretas já vestem fatos «tailleurs», os pretos andam de casaca e chapen alto...
- Pois o de Moçambique andavam de tanga antes de eu para cá vir e eu decretei a supressão d'esse artigo de luxo. Nada de despesas inúteis.
- Que tem você hoje para o jantar?
- Eu, «foie-gras» trufas, pavão...
- C'edol! Eu, um azenque fumado...
- Von dar agora um passeio d'automovel. Alé logo.
- E eu, um passeio de burro. Adens, Norton.

Exposições

O Marques, visita a exposição de pintura a cera, no teatro Nacional.

Um visitante:

—Mas por que demonio vieram estes francêses fazer a exposição em Portugal?

O Marques:

—Pela abundancia de materia prima, porque não ha país onde se faça mais cera...

## O soldado desconhecido



...«E aqueles que por obras valorosas  
Se vão da lei da morte libertando.»

(LUSIADAS — Canto 1)